

José Chasin

Há alguns poucos dias fiquei sabendo da realização do Colóquio Internacional *Ontologia, Filosofia e Histórica*, em homenagem a José Chasin e, impossibilitado pela distância de comparecer, quero deixar consignadas minha satisfação e minha solidariedade com a iniciativa.

Apenas a miséria teórica de nosso tempo, particularmente dura entre os marxistas, ainda que não uma exclusividade de nosso campo, pode deixar no esquecimento um pensador tão decisivo quanto José Chasin. Sua crítica à teoria da dependência é definitiva, não há melhor possível. Suas elaborações acerca da via colonial e do caráter hipertardio da particularidade do capitalismo em países como o Brasil é uma contribuição da maior importância.

Minha trajetória pessoal, todavia, colocou-me em contato mais direto com uma outra faceta do pensador que foi Chasin: sua decisiva importância para introduzir entre nós a *Ontologia* de Lukács. E, também aqui, sua influência na formação de uma geração de pesquisadores foi marcante. Muitos entre nós ouvimos falar de Lukács e da *Ontologia* pela primeira vez com Chasin. Outros, aprendemos a estudar com ele. Pessoalmente, sou portador de uma dívida impagável (pois como pagar dívidas como essas?): o que eu aprendi nos oito anos de convivência com Chasin eu não aprenderia sozinho em mais de 20 anos. Fazem parte das minhas melhores lembranças madrugadas (que infelizmente o amanhecer vinha interromper) em que, com seu cálice de macieira em punho, Chasin desvendava os mistérios da evolução do pensamento humano em direção à *Ontologia* de Lukács. Sua incapacidade de conciliar com a mediocridade e o baixo nível reinantes na academia – que para muitos era um defeito – serviu a todos nós como marco e referência do que a vida tem, verdadeiramente, de importante.

Como todo grande pensador, as polêmicas que esteve envolvido são tão significativas quanto as tarefas teóricas que se propôs. Talvez mereçam ser re-examinadas suas aproximações políticas nas décadas de 1990 e no início desse século, talvez não tenham a mesma densidade dos seus escritos anteriores suas últimas elaborações. Estas, todavia, são questões que apenas o tempo e o estudo de sua trajetória intelectual poderão esclarecer.

Da geração de Florestan Fernandes, José Chasin conhece hoje o exílio intelectual que é compartilhado pela obra do Lukács da maturidade e do Marx revolucionário (o original, não as leituras contemporâneas que fazem do pensador alemão um palatável social-democrata, quando muito): suas obras, seus pensamentos e suas vidas têm serventia para a humanidade quando esta se propõe como objetivo a revolução. Em momentos em que a revolução não está no horizonte, servem melhor à humanidade pensadores leves, ligeiros, pós-modernos ou liberais, cujo lugar comum corresponde ao mais do mesmo que é proposto como a panacéia universal.

A história avança e a velha toupeira está fazendo seu trabalho. Quando a classe operária recuperar seu papel histórico, a humanidade redescobrirá em Marx e no Lukács da maturidade suas raízes e seu apoio mais seguro para avançar. Então, a obra de Chasin receberá o devido reconhecimento.

Até lá, iniciativas como o Colóquio Internacional são da maior importância: bom trabalho e que a grandiosidade do mestre seja ao menos em parte revivida nesses dias.